

D. A. Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris, *Introdução ao Novo Testamento*, trad. Márcio L. Redondo (São Paulo: Vida Nova, 1997) 556 pp. Original em inglês: *An Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Zondervan, 1992).

Os autores, conhecidos no Brasil por obras já publicadas pela Edições Vida Nova, são eruditos do Novo Testamento mundialmente reconhecidos.

A obra tem por enfoque primário a chamada "introdução especial," ou seja, questões históricas relacionadas com autoria, data, fontes, propósito/ocasião, destinatários, e outras semelhantes. Incluem-se também um esboço ou resumo de cada documento do Novo Testamento, um breve relato dos estudos recentes abordando temas do livro, e uma útil descrição das principais contribuições teológicas feitas ao cânon. Sem deixar de interagir apropriadamente com estudos que enfatizam forma literária, criticismo retórico e paralelos históricos, e sem minimizar a importância de tais tópicos, os autores não deixam que estas questões venham a diminuir o valor de questões históricas relevantes. Afirmam que uma concentração excessiva nesses tópicos, às expensas de questões tradicionais de introdução, tende a divorciar os livros do Novo Testamento de seu cenário histórico e alienar os estudantes de alguns debates importantes nos primeiros séculos da igreja cristã.

Ao introduzir os evangelhos sinóticos (caps. 1-4), o autor destes capítulos aprova as contribuições positivas das várias disciplinas da crítica moderna, procurando divorciá-las do ceticismo histórico de muitos dos seus propositores. Ao considerar o quarto evangelho (cap. 5), o autor procura mostrar que João não divorciou história de teologia. Na introdução a Atos (cap. 6), o autor argumenta que as preocupações teológicas e pastorais de Lucas não comprometeram a sua fidedignidade histórica.

As treze epístolas paulinas são defendidas como autênticas (caps. 7-16). Na introdução a Romanos (cap. 8), quanto ao tratamento dispensado aos judeus e à lei, o autor adverte que a reconstrução que E. P. Sanders faz (ou qualquer outra) do contexto em que Paulo escreve não deve *ditar* a nossa exegese da epístola. A análise da correspondência com os Coríntios (cap. 9) inclui uma reconstrução histórica da ocasião, a defesa da integridade de ambas as cartas, e uma discussão sobre os adversários de Paulo. Ao tratar de Gálatas (cap. 10), o autor favorece a teoria do sul da Galácia, e mais uma vez adverte contra uma aceitação acrítica das conclusões de Sanders. Ao discutir as epístolas pastorais (cap. 15), o autor trata da questão da pseudonímia no Novo Testamento.

Hebreus e as epístolas gerais recebem um tratamento adequado e atualizado em que se ressaltam as importantes contribuições desses escritos (caps. 17-22). Ao tratar do Apocalipse (cap. 23), o autor favorece uma abordagem futurista moderada e argumenta que João abre mão do levantamento histórico dos apocalipses judaicos e confronta os seus leitores com uma elaborada visão do estabelecimento do reinado de Cristo na história, enquanto descreve o clímax escatológico contra o pano de fundo dos eventos da sua época. No último capítulo discute-se o cânon do Novo Testamento. Rejeita-se a posição romana de que a igreja é quem *estabeleceu* o cânon, afirmando-se que os livros bíblicos são *reconhecidos* pela igreja por seu uso e autoridade.

A obra é extremamente relevante para o estudo teológico no Brasil por interagir com as principais correntes metodológicas do estudo do Novo Testamento, bem como por oferecer discussões críticas das questões e argumentos pertinentes levantados pela

historiografia crítica do Novo Testamento. Além de evitar o obscurantismo, os autores levantam questões desafiadoras facilmente descartadas por outros estudos introdutórios. Como afirmam no prefácio: trabalham com uma amostragem representativa da vasta literatura atual; em geral seguem caminhos tradicionais, porém também oferecem novas maneiras de se encarar certas questões. É importante o fato de apresentarem as evidências ao sugerirem soluções, deixando as questões em aberto onde estas evidências são inconclusivas.

Também é altamente positivo o fato de ressaltarem os grandes temas do Novo Testamento, para que os estudantes e ministros da Palavra de Deus se dêem conta da tremenda riqueza, pertinência e atualidade da mensagem dessa parte das Escrituras. A brevidade do texto não chega a comprometer o tratamento dos assuntos, pois obras especializadas são indicadas para o aprofundamento dos mesmos.

É lamentável que a edição em português tenha muitos defeitos (o que não acontece com o original). Foi cortada a bibliografia no final de cada capítulo (num total de 56 pp.). As notas de rodapé omitiram a maior parte das datas de publicação das obras mencionadas. Nessas notas adotou-se um padrão (usado inconsistentemente) que evita usar letras maiúsculas na grafia de títulos de obras e publicações, o que diverge totalmente do padrão mundialmente aceito e até agora em uso no Brasil. Os três índices no final da obra também foram omitidos: de nomes, de assuntos e de citações bíblicas.

A tradução (conferi do capítulo sobre Tiago para frente) em geral é boa mas contém várias incorreções comprometedoras do sentido, por exemplo — p. 457: "O debate de 2.14 e ss., em que se vê uma incompreensão de uma área secundária da teologia paulina..." (The debate in 2:14ff. with a misunderstood secondary stage of Pauline theology...); p. 471: "Mas na carta em si não há poucos indícios disso" (But there is little indication of this in the letter itself); p. 486: "...e notam um indício disso no evangelho de Marcos (1.15)" (...and they find a hint at the gospel of Mark in 1:15); p. 537: "Os estudos sobre Apocalipse...deixaram de lado a preocupação com fontes e contexto histórico e passaram a se interessar pelo produto literário final e seu contexto" (Scholarship on Revelation...has moved away from a concern with sources and historical background, to a concern with the final product and its setting). *Setting* aqui deveria ser traduzido por *estrutura* ou *montagem*. Os erros de digitação são abundantes: pp. 468, 471, 474, 479, 491, 496, 497, 498, 511 (referências a ARA e BJ estão trocadas), 517, 525. É urgente e necessário que a editora promova uma revisão geral dessa obra, acrescentando-lhe o que omitiu do original (nivelar por cima!).

Todavia, parablenizo a Edições Vida Nova pela iniciativa desta obra que muito elevará o nível da exposição bíblica em nossa língua.

— Paulo Sérgio Gomes